

Corporeidade e ancestralidade: Percepções na experiência de um reinado do rosário - Ouro Preto, Brasil¹

Corporalidad y ancestralidad: Percepciones en la experiencia de un reinado del Rosario – Ouro Preto, Brasil // Corporeality and Ancestrality: Perceptions in the Experience of a Reinado of the Rosary – Ouro Preto, Brazil

Amanda Melissa dos Santos²

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: amandasantos05@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8723-0508>

Recibido: 30 de abril de 2025

Aceptado: 4 de noviembre de 2025



Cómo citar: Santos, A. M. dos. (2026). Corporeidade e ancestralidade: Percepções na experiência de um reinado do rosário – Ouro Preto, Brasil. *CorpoGrafiás: Estudios críticos de y desde los cuerpos*, 13(13), pp. 226-237. DOI: <https://doi.org/10.14483/25909398.23578>

¹ Artículo de investigación

² Doutoranda em Educação, na linha de pesquisa Cultura, História e Filosofia da Educação, na Universidade de São Paulo (USP), Brasil, sob orientação da Profª Doutora Soraia Chung Saura. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Brasil. Licenciada em Educação Física. Professora da rede pública de ensino. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, Brasil). E-mail: amandasantos05@usp.br

Resumo

Este trabalho discute as relações entre corporeidade e ancestralidade no fenômeno do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito do Alto da Cruz, Ouro Preto, Brasil. O faz a partir das interlocuções com Kátia Silvério, capitã do grupo de congado e moçambique desta comunidade e personagem central na retomada do reinado, que deixou de ser realizado, por proibições da Igreja Católica. A cosmovisão presente na cultura dos reinados, aqui trazida pelas falas da capitã, conflui na cosmovisão Bantu-Kongo, apresentada por Fu-Kiau (2016) e na Filosofia da Ancestralidade discutida por Oliveira (2005). São esses aportes teóricos nos quais convergimos com a experiência reinadeira, além das obras de Martins (2021a; 2021b) e Irobi (2012). Fez-se uso da observação e descrição fenomenológica, além de entrevistas realizadas com a capitã. O trabalho vislumbra a vivência de uma corporeidade fundada na percepção de ancestralidade, entendida como força vital.

Palavras-chave

ancestralidade; congado; corporeidade; reinados negros

Resumen

Este trabajo discute las relaciones entre corporeidad y ancestralidad en el fenómeno del Reinado de Nuestra Señora del Rosario, Santa Efigenia y San Benito del Alto da Cruz, Ouro Preto, Brasil. La investigación parte de las interlocuciones con Kátia Silvério, capitana del grupo de congado y moçambique de esta comunidad y personaje central en la reanudación del reinado, que había dejado de realizarse debido a prohibiciones de la Iglesia Católica. La cosmovisión presente en la cultura de los reinados, aquí traída a través de las palabras de la capitana, confluye con la cosmovisión Bantu-Kongo, presentada por Fu-Kiau (2016), y con la Filosofía de la Ancestralidad discutida por Oliveira (2005). Estos son los aportes teóricos con los que convergimos con la experiencia del

reinado, además de las obras de Martins (2021a; 2021b) e Irobi (2012). Se utilizó la observación y descripción fenomenológica, y entrevistas realizadas con la capitana. El trabajo contempla la vivencia de una corporeidad fundada en la percepción de la ancestralidad, entendida como fuerza vital.

Palabras clave

ancestralidad; congado; corporeidad; reinos negros

Abstract

This study explores the relationship between corporeality and ancestry within the context of the Reinado of Our Lady of the Rosary, Saint Efigenia, and Saint Benedict of Alto da Cruz, located in Ouro Preto, Brazil. It draws on conversations with Kátia Silvério, captain of the local Congado and Moçambique group, who played a central role in the revival of the Reinado after it had been discontinued due to prohibitions imposed by the Catholic Church. The worldview embedded in the culture of the Reinado, as conveyed through the captain's narratives, aligns with the Bantu-Kongo cosmology as presented by Fu-Kiau (2016) and the Philosophy of Ancestrality as discussed by Oliveira (2005). These theoretical frameworks, alongside the works of Martins (2021a; 2021b) and Irobi (2012), provide the conceptual foundation through which the Reinado experience is examined. The research methodology includes phenomenological observation and description, in addition to interviews conducted with the captain. The study reflects on the lived experience of a corporeality rooted in the perception of ancestry, understood as a vital force.

Keywords

ancestrality; congado; corporeality; Black reign

“Eu vim beirando o rio, eu vim beirando o mar, eu vim de Angola”³ - dos caminhos do Reinado

A cosmovisão⁴ de ancestralidade é aspecto basilar na dinâmica dos reinados do rosário, dos reinados negros, dos congados⁵. A ancestralidade é exaltada e invocada nas poéticas do rito, na oração cantada, falada, dançada, na gestualidade do corpo que dança, do corpo que toca os tambores, que bate as gungas, toca os pandeiros, patangomes e todos os instrumentos musicais.

Compartilhamos da elaboração de Leda Martins (2021a), para quem

A ancestralidade tanto pode ser concebida como um princípio filosófico do pensamento civilizador africano quanto pode ser vislumbrada como um canal, um meio pelo qual se esparge, por todo o cosmos, a força vital, dínamo e repositório da energia movente, a cinesia originária sagrada, constantemente em processo de expansão e de catalisação. (Martins, 2021a, p. 60)

Os reinados do rosário são manifestações culturais e religiosas de matriz centro-africana presentes em todo

estado de Minas Gerais, Brasil⁶. Apresentam-se como uma das mais importantes expressões religiosas do estado. Anualmente, da capital às pequenas cidades, milhares de pessoas prestam homenagem a Nossa Senhora do Rosário, a santos negros, aos seus antepassados, reatualizando e recriando a memória ancestral (Lucas, 2014). Congregam três aspectos fundamentais na sua constituição e elaboração, que sustentam e formam essa ritualística: a devoção à Nossa Senhora do Rosário e a santos negros; a louvação aos ancestrais e aos antepassados; e a coroação de rainhas e reis, instaurando um reinado negro.

Nos reinados, a devoção à Nossa Senhora do Rosário e a santos negros, como Santa Efigênia, São Benedito, Santo Antônio do Noto e São Elesbão, é vivida africanicamente por meio de danças, músicas e de performances rituais elaboradas a partir de uma gnose ritualmente africana (Martins, 2021b). São os santos da hagiologia católica desdobrados em outros significados e revestidos de concepção mítica que remetem aos ancestrais africanos (Gomes & Pereira, 1988).

Os reinados são compostos pelos grupos de congado, moçambique, dentre outros, que formam a egrégora dos reinados. E a festa ritual realizada por essa egrégora é compreendida como um reinado.

Os congados e moçambiques são grupos formados por pessoas de diversas faixas etárias, que somam os cargos de capitães e capitães, músicos, bandeirinhas, dançantes, guarda coroa, reis e rainhas. No congado, o grupo percussivo é formado por instrumentos de caixas,

3 Canto tradicional de moçambique

4 Em Leda Martins (2021a), uma das referências deste texto, a expressão “cosmo-percepção” é empregada para designar as maneiras como as culturas afro referenciadas percebem, sentem e vivem o cosmos. É o que apresenta Oyèrónkè Oyèwùmí (2002), socióloga nigeriana, para quem o termo “cosmovisão”, usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio da visão. Para a socióloga, é eurocêntrico usar esse termo para referir-se às culturas que privilegiam outros sentidos. Entretanto, ao utilizarmos, neste texto, o termo “cosmovisão”, apoiamos-nos em Muniz Sodré, para quem o ver não se restringe à visão ótica, mas a implicação de uma intuição, bem como a implicação do ser, pois, o instrumento sensorial da visão é um ser e um ver, como apenas um. Portanto, o corpo e a corporeidade confluem na experiência do ver. Nesse sentido, não anulamos a concepção de “cosmovisão” e o compreendemos, neste texto, paralelo à “cosmo-percepção”.

5 Diferentes termos, mas empregados com os mesmos significados.

6 Resguardando suas diferenças e singularidades, os reinados negros estiveram presentes, além de todo o Brasil, em outros locais onde houve diáspora centro-africana. Os cultos de reis congos em países da América Latina, no Caribe e sul dos Estados Unidos e os reinados nas irmandades negras em Portugal, por exemplo, são expressões que somam-se aos reinados negros brasileiros.

pandeiros, reco-recos⁷, tendo seu toque rítmico, bem como a dança, mais ágeis. As vestimentas compreendem roupas brancas, *quepes* estilo marinho ornamentados com fitas de cetim, flores e espelhos. Os capitães usam espadas e realizam floreios e lutas guerreiras que remetem às *sangas/sangares* do antigo Reino do Kongo. No moçambique, os instrumentos compreendem caixas e patangomes, além das gungas presas aos tornozelos dos capitães e dançantes⁸. A vestimenta compreende calças, camisas, saiotos e turbantes ou chapéus. O ritmo é mais lento e os cantos mais lamentosos, rememorando os africanos mais velhos, os Pretos Velhos. No ritual do reinado, a guarda de congado é quem abre o caminho, sendo a primeira do cortejo. Já a guarda de moçambique é a última, guardando o trono coroado: os reis e rainhas coroados pelos grupos, sejam reis congos ou reis de devoção, que encabeçam as coroas, físicas e espirituais, dos antepassados e ancestrais e dos santos dos quais são devotos.

A cunho de percurso histórico, a introdução do culto à Nossa Senhora do Rosário na África Central- região dos povos conhecidos como Bantus- pelos invasores portugueses, a partir do século XV, foi incorporado pelos centro-africanos, mas com os contornos, sentidos e cosmovisões próprias de suas culturas, determinando a experiência dos reinados negros e sua consolidação no Brasil.

Quando os reinados negros passaram a ser realizados também em território brasileiro, no período da escravidão, esses se deram, em grande medida, no seio das irmandades negras: associações leigas de africanos e

afrodescendentes criadas pelos mesmos para constituírem-se como um espaço de sociabilidade, de ajuda mútua e de afirmação da identidade de africanos escravizados e seus descendentes no Brasil. As irmandades negras também foram espaços para a vivência e ritualização de suas espiritualidades e religiões.

Era no espaço das irmandades que se davam as eleições e coroações de reis negros. Glaura Lucas conta-nos que as festas de reis congos, os congados, “relacionavam-se aos costumes congueses [do antigo Reino do Kongo] que cercavam a eleição de um novo rei, do poder e ao hábito dos reis dos povos Bantos de fazerem excursões cercados de sua corte, entre canto e danças guerreiras” (Lucas, 2014, p. 47).

Na cidade de Ouro Preto, a historicidade do Reinado do Alto da Cruz está entrelaçada à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia dos Homens Pretos do Alto da Cruz, criada em 1717. Nesta irmandade, há registros de eleições de reis e rainhas realizadas desde as primeiras décadas do século XVIII e em 1825, Johan M. Rugendas retratou em litogravura uma festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, nos arredores do Palácio Velho e da Igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz, localidades por onde se concentra o reinado atualmente (Santos, 2019).

Mesmo com a existência longínqua da festividade nesse território de Ouro Preto, o Reinado do Alto da Cruz deixou de existir no início do século XX. Sua interrupção se deu por proibições da Igreja Católica impostas aos congados da cidade, possivelmente inspiradas pela publicação do documento assinado em 1923 pelo então bispo da cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, que proibiu os reinados negros nas igrejas desta localidade (Santos & Saura, 2024). A despeito disso, no ano de 2009 a comunidade congadeira do Alto

7 Os reco-recos, sejam de molas de metal ou feitos de madeiras ou bambu, se assemelham e remetem à *dikanza*, instrumento tradicional de Angola.

8 Os patangomes se assemelham e remetem aos *chiquitsi*, idiofone encontrado nas musicalidades e culturas dos países Moçambique, Ilha da Reunião e Ilhas Maurício. Gungas, do kimbundu *ngunga*, significa sino (Galante, 2023).

da Cruz conseguiu retomar o reinado após décadas de inatividade, buscando o fortalecimento de seu grupo, da identidade negra na cidade e a continuidade de manifestação cultural e religiosa. Para isso, criaram a Associação Amigos do Reinado, angariaram fundos, doações, mobilizaram a comunidade do bairro e retomaram a prática ritual afro-diaspórica no bairro Alto da Cruz.

É nos arredores da irmandade negra secular, em um dos pontos mais altos de Ouro Preto, cidade monumento nacional e patrimônio da humanidade, que se concentra o Reinado do Alto da Cruz atualmente, retomado após um hiato de tempo sem ser realizado. Reinadeiros sobem e descem as ladeiras da cidade histórica empunhados de seus tambores, bastões, coroas e espadas, atravessam o espaço-tempo com suas dinâmicas e gestualidades espirituais.

A capitã Kátia Silvério é uma das personagens centrais dessa retomada e da reestruturação do reinado. Sua introdução na guarda de congado e o trabalho pela retomada da festa ritual se deu por sua conexão com seus ancestrais, por um chamado da ancestralidade. Como diz Ferreira-Santos e Almeida (2012), a voz da ancestralidade sai debaixo dos porões e a dívida que temos com ela, a ancestralidade, é sermos nós mesmos.

“Canta, dança crioulo, sua força vem de zambi”⁹ - Do corpo reinadeiro

Nas dobras dos sinos da Igreja de Santa Efigênia, também tocados por mãos negras, as guardas de congado e moçambique do Alto da Cruz sobem as ladeiras em cortejo, tocando, dançando e cortando espadas ao vento,

fincando seus cajados no chão. Ritmadamente, junto aos toques dos sinos, que tocam como os tambores de congado. Pois os sinos e os tambores vêm do mesmo cosmo-lugar em África¹⁰.

Os capitães e a capitã de congado fazem levantar faíscas do chão ao riscar a ponta fina de suas lanças, desenhando um círculo em torno de sua guarda, de seu grupo. Produz um invólucro espiritual e energético. Protegem seu povo. Capitães e capitã de moçambique elevam seus cajados e os movimentam também desenhando círculos. Cobrem todo o grupo, fazem o vento girar. Os corpos cintilantes dos congadeiros e moçambiqueiros bailam uma anterioridade transatlântica. São os corpos de agora preenchidos por gestos que atravessam o espaço-tempo. Que atravessam Kalunga¹¹.

Eduardo de Oliveira (2005, p. 125) nos diz que “a história dos ancestrais africanos permanece inscrita nos corpos dos afrodescendentes”, em que “é preciso ler o texto do corpo para vislumbrar nele a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos e afrodescendentes espalhados pelo planeta”.

Essas histórias e esses saberes não estão subjugados às atrocidades e às infâmias da escravização. São anteriores a esse acontecimento atroz. Afinal, como nos apresenta Leda Maria Martins (2021b), a colonização da África e a transmissão de escravizados

não conseguiram apagar no corpo/corpus africano e de origem africana os signos culturais, textuais e toda a complexa constituição simbólica fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica, linguística, de suas civilizações e história. (Martins, 2021b, p. 31).

¹⁰ A respeito disso, ver mais em Galante (2023).

¹¹ O oceano espiritual e material que divide o mundo físico e o mundo espiritual, a linha do mar. A mesma linha que amarra o mundo natural como o pacote (*futu*). E Kalunga enquanto “a completamente completa energia viva mais elevada” (Fu-Kiau, 2019, p. 33)

⁹ Canto tradicional de Moçambique. Zambi ou Nzambi, nas línguas bantas, pode ser traduzido e compreendido como Deus. Entretanto, utilizamos a elaboração de Santos (2019): “Totalidade-Ancestral-Sempre-Presente”.



Imagem 1. Guarda de Moçambique descendo as escadas da Igreja de Santa Efigênia. Fonte: Fotografia de Ane Souza, 2020.

Assim, esses saberes e histórias ancestrais permanecem nos corpos e são atualizados e reelaborados a partir de suas realidades e experiências, nas realizações de suas práticas culturais, nas performances rituais, em suas conexões com o sagrado e com a ancestralidade, na sensibilidade promovida pela cosmovisão que sustenta a vida dessas pessoas.

Na cultura reinadeira, o corpo é sempre referenciado como o canal dos saberes, das sensações, das intuições, da conexão com o sagrado, da incorporação da memória ancestral, pois o corpo é o local da memória. É o próprio corpo que executa os ritos do Reinado, é ele que corte-

ja, dança, canta, entoa, ritualiza, recebe, incorpora- uma memória ancestral, mas também, por vezes, um ancestral, enquanto entidade espiritual. É o corpo que realiza o reinado e toda multiplicidade de gestos, performances e ritualísticas que ele congrega.

O corpo enquanto local da memória desdobra-se no termo oralituras, concebido por Leda Maria Martins (2021a), apontando que os saberes, as memórias, as histórias e a cosmovisão das práticas culturais negras são conhecimentos inscritos e expressos no e pelo corpo, em seus gestos, vocalidades e performances. Como saber filosófico, rasurando a dicotomia entre escrita e oralida-



Imagem 2. Guarda de Congado em cortejo do reinado. Fonte: Fotografia de Ane Souza, 2018.

de, oralituras são os saberes fundados e expressos em performances corporais, manifestados e vivenciados em uma compreensão alterna do tempo. Oralituras instauram o corpo como inscrição e veículo de saberes e que, por meio dele, se manifestam.

Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais, destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporeidades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre a oralidade e a escrita. A oralitura é do âmbito da perfor-

mance, seu agenciamento, e nos permite abordar, teórica e metodologicamente, os protocolos, códigos e sistemas próprios da performance, assim como o *modus operandi* de sua realização, de sua recepção e afetações, assim como suas técnicas e convenções culturais, como inscrição e grafia de saberes. (Martins, 2021a, p. 41)

O saber dos reinadeiros enquanto oralitura são do âmbito do corpo e da performance. Pertencem ao corpo e estão no corpo, como memória ancestral. Ademais, o corpo é ancestral pois é uma anterioridade. “O corpo ao mesmo tempo é a ancestralidade como é por ela regido” (Oliveira, 2005, p. 125).



Imagem 3. Capitã Kátia Silvério. Fonte: Fotografia de Ane Souza, 2024.

“Eu sou negra do rosário e o rosário me chamou, eu já vou. pois eu sou abençoada pelo toque do tambor”¹² - percepções, cosmóvisões e confluências

Sendo Capitã Kátia uma das interlocutoras da investigação, apresentamos trechos de seus relatos, coletados em entrevista realizada em janeiro do ano de 2024. Presenciamos confluências com a cosmóvisão Bantu-Kongo, apresentada por Bunseki Fu-Kiau. Faz-se dessa maneira por compreender que há relações na cosmóvisão reina-

deira e na filosofia apresentada pelo intelectual congolês. Ademais, os grupos étnicos kongo, ambundu e ovimbundu apresentavam cosmologias e práticas religiosas muito semelhantes (Slenes, 1992). E são essas cosmóvisões que, em suma, constituem os reinados negros.

Trazer a voz de capitã Kátia, mesmo que em texto transcrito, se faz por compreender que é necessário referenciar aquelas e aqueles que emprestam seus saberes para as pesquisas acadêmicas realizadas neste âmbito, das culturas tradicionais e culturas negras. Afinal, é o saber de Kátia e da comunidade reinadeira que também

12 Canto tradicional de congado.

compõem a elaboração da investigação. Um trabalho feito em conjunto¹³.

Capitã Kátia Silvério é filha de Dona Marize Guimarães. Marize é reinadeira, umbandista e benzedeira, matriarca e guia espiritual da comunidade do Alto da Cruz. Dona Marize, nascida no Engenho, povoado de Santo Antônio do Salto, distrito de Ouro Preto, é filha de congadeiros e devotos de Santo Antônio. Decidiu ingressar no Congado do Alto da Cruz há décadas, levando junto seus netos e filho mais novo. Kátia Silvério, não queria participar, mas sua mãe sempre dizia que sua hora iria chegar.

Minha mãe sempre falava assim que minha hora ia chegar e foi nesse momento que minha hora chegou, realmente fui tocada e a partir desse dia não sai mais. (Kátia Silvério, entrevistada por Santos, 2019, p. 104-105)

Parte das pessoas reinadeiras não aprenderam a ser o que são com seus mais velhos em uma linhagem familiar, de geração em geração, recebendo suas insígnias de mando, como espadas e cajado, de seus pais, avós, antepassados, como o caso da Capitã Kátia. Entretanto, após terem se sentido chamadas a integrar a guarda de congado, essas pessoas, que à priori não sabiam de antepassados congadeiros, se conheceram herdeiras de pessoas que realizavam congados.

Quando eu me senti tocada [ao ingressar no congado], eu não consegui mais me desligar do congo. Então assim, me senti tocada por uma energia muito forte, muito completa. É como se eu como ser humano estivesse buscando algo e aquela energia naquele momento me completasse. E aí eu comecei a me dedicar muito mais ao congado, à evolução do congado, ao fortalecimento dele. E as coisas foram fluindo. A cada apresentação, a cada

saída de levantamento de bandeira em outras festas, eu sentia como se não fosse eu. Era um... como eu posso dizer? Quando o som do tambor toca para mim, ali dentro, eu me sinto, como eu já disse, completa. Completa mesmo, como um ser humano completo e sabendo o que eu vim realmente fazer aqui, entende? (Kátia Silvério, 2024)

[Essa] sensação é um preenchimento, uma emoção, um afago, um carinho. Eu, pelo menos eu sinto o ar mais fresco, às vezes eu me sinto flutuando, eu sinto a terra tremendo quando eu toco no chão, os tambores estão tocando eu sinto também. Então eu sinto toda a energia envolvida nesse campo espiritual nosso, nessa energia toda, eu consigo sentir isso tudo. E meu corpo acaba apresentando isso tudo. O meu corpo... eu fico sem controle. Eu vou no som, eu vou na dança e é isso. Para mim também é um mistério às vezes, entende? Mas eu me deixo ser tocada, eu me deixo sentir, eu me permito sentir tudo isso. (Kátia Silvério, 2024)

Há uma experiência sinestésica que atravessa os corpos dessas pessoas que, após décadas de ruptura com suas linhagens congadeiras antepassadas, e até mesmo o desconhecimento dessa linhagem congadeira, sentiram-se chamadas e realizam suas práticas rituais com conexões corporais profundas. Existe, portanto, uma sensibilidade para com a força vital da ancestralidade. Há uma percepção de ancestralidade: postura corporalmente sensível e atenta às vibrações imanentes que regem o mundo natural que é vivido e entendido a partir da cosmovisão de ancestralidade.

Em relação aos fundamentos e performances na festividade do reinado, em que a capitã Kátia foi conduzindo, ela conta-nos que as decisões vieram a partir de suas percepções para com a ancestralidade:

Isso tudo veio a partir do acreditar, do confiar naquilo que estava sendo designado para mim. Então eu acreditei e confiei e as coisas foram acontecendo. Levantamento de bandeira, alvorada, a benção para que aconteça o reinado, pedir permissão às forças maiores, não só a permissão, mas a benção também, para que

13 A apresentação de suas falas neste trabalho, bem como em outros trabalhos realizados e toda a pesquisa feita com a referida comunidade, seguem de pedido de autorização feito pela pesquisadora, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e tem o aval das pessoas que compõem os grupos.

eles [os ancestrais] estejam junto conosco, para que o reinado aconteça. Então quando eu falo que eu escuto, que é uma intuição, é porque a gente se permite não só enxergar o que é limitado para gente como ser-humano. Porque somos uma energia, nós seres-humanos somos uma energia. Então tem um contexto todo de, quando você permite ver com outro olhar e sentir o vento vindo e sussurrando, é outra coisa. (Kátia Silvério, 2024)

A experiência apresentada pela capitã Kátia conflui com cosmovisão Bantu-Kongo discutida por Fu-Kiau: “nós sentimos ondas/vibrações e radiações [*minika ye minienie*] porque produzimos ondas/vibrações e radiações” (Santos, 2019, p. 16). Essa cosmovisão também é presente no trabalho do filósofo Eduardo de Oliveira, a respeito da cosmologia Dogon (Mali) e de outras filosofias africanas.

Os Dogon entendem que o que anima a existência é uma *vibração*. Já os Bantos [...] concebem a Força Vital como a energia que anima o mundo. Se isto é verdade no Sul da África, o é também na África Setentrional [...] pensa-se a existência a partir de uma vibração, da energia e da emanção. (Oliveira, 2019, p. 5-6)

A respeito de sua relação com a ancestralidade. Kátia Silvério conta-nos:

Eu, na verdade, sempre acreditei nos meus antepassados, nos meus ancestrais. Sempre estou me cuidando. E quando surgiu o reinado eu tive essa intuição das coisas irem acontecendo, de acreditar... Eu sempre falo para mim: acreditar no invisível, aquilo que eu não via, só sentia e às vezes ouvia. E eu acreditei e confiei. E o reinado foi tomando forma. Antes era só um esqueleto que a gente estava formando, hoje ele tomou forma, ele mostrou a potência dele. Então é isso. Acreditar no invisível, naquilo que eu não vejo, que eu não toco, não é uma matéria, mas que eu sinto! Eu sinto no meu dia a dia, porque eu sei que meus antepassados, meus ancestrais estão sempre comigo. E a cada reinado, a cada toque ou a cada missão cumprida eu estou acendendo uma luz para um antepassado meu. Estou direcionando ele. Então é essa conexão que eu tenho com os meus antepassados, os meus ancestrais. Que me guiam, que me fortalecem, todos os dias, desde a hora que eu acordo até a hora

que vou dormir. (Kátia Silvério, 2024)

Essa cosmovisão ressoa em muito na filosofia Bantu-Kongo, e que pode ser alargada também nas cosmovisões de outros povos do tronco linguístico Bantu. É a concepção de “universo recíproco” no qual os mundos físico e espiritual são duas partes em contato, co-pertecimento e espelhamento (Santos, 2019, p. 128). Ademais, no cosmograma *bakongo*, *Dikenga dia Kongo*, a pessoa (*muntu*) quando em *Tukula*, o período que marca a vida adulta, é o período imperativo do fazer, realizar, em ação profícua. E este período está conectado com um estágio similar no mundo espiritual, o *Musoni*, no qual a pessoa do mundo físico precisa do ancestral para a realização de suas ações, bem como o ancestral precisa da pessoa no mundo físico para que seja lembrado, para que o reverencie, para sua prospeção no mundo espiritual.

A conexão aos que vieram antes é grafada a todo momento, seja nas mitopoéticas dos cantos e pontos entoados nos rituais, seja nos gestos corporais onde a postura vai rememorar os Pretos Velhos ou os guerreiros do Reino do Kongo.

Na filosofia Bantu-Kongo apresentada por Fu-Kiau, o mundo dos ancestrais refere-se a “*Ku Mpemba*, o insondável mundo espiritual, espaço-tempo de onde partem os referenciais do todo vivenciado e imaginável” (Santos, 2019, p. 154). Ademais, a concepção de ancestralidade se refere ao canal por onde esparge e emana a Força Vital, a energia que anima o universo.

A ancestralidade é percebida por capitãs e capitães no Reinado do Alto da Cruz enquanto energia que rege suas ações rituais. E a ancestralidade é vivenciada de maneira sagrada. É a concepção do sagrado que rege as vivências das espiritualidades nos reinados, pois todo o mundo natural, tudo o que por ele é produzido e todos

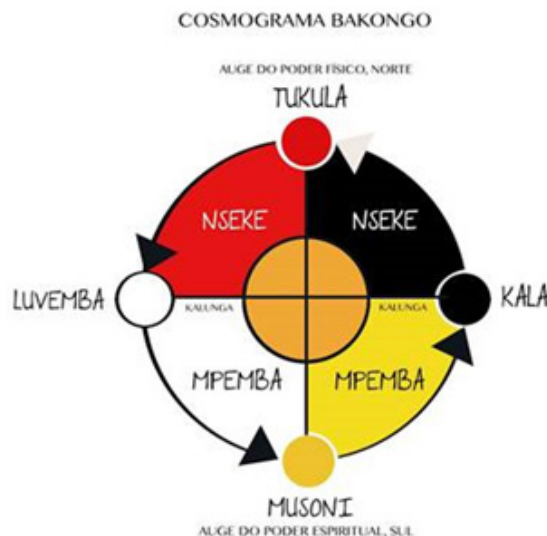


Imagem 4. Cosmograma Bakongo - Dikenga dia Kongo. Fonte: Terreiro de Griôs, 2020.

os seres são sagrados, pois refletem a energia primordial: Kalunga (Fu-Kiau, 1991, p. 8).

Algumas palavras finais

A experiência de Kátia Silvério e a cosmovisão presente nos reinados traz consigo uma semiologia que estabelece o corpo enquanto o canal da relação com a ancestralidade. “A Fé Que Canta e Dança”, título dado pela comunidade de Ouro Preto ao seu reinado, traduz essa concepção, pois é o corpo que evoca, canta, dança, incorpora, ritualiza e sente a presença dos ancestrais.

O corpo é composto e regido pela ancestralidade. Nele, se apresenta uma memória da qual as pessoas reinadei-

ras não viveram, mas que está presente em suas gestualidades rituais pois o corpo é uma anterioridade. Como asseverou Esiaba Irobi, há uma “translocação da inteligência sinestésica autóctone africana [que] se reatualiza na estética do ritual” (IROBI, 2012, p. 274). Nesse caso, percebemos que existe uma inteligência ancestral sinestésica (dos sentidos) e cinestésica (dos movimentos) que se acende na performance corporal no rito do reinado e se esparge na vida cotidiana dos sujeitos que o fazem, pois não se é reinadeiro apenas uma vez por ano, e sim, a todo momento. Ser pessoa reinadeira constitui a humanidade e a identidade das pessoas congadeiras e moçambiqueiras do Alto da Cruz.

Referências

- Ferreira-Santos, M., & Almeida, R. (2019). *Antropolíticas da educação* (3ª ed.). FEUSP.
- Fu-Kiau, K. K. B. (n.d.). *A visão Bantu-Kongo da sacralidade* (V. O. Pinto, Trad.). Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu – ACBANTU. (Obra original publicada em 1991 como *Self Healing Power and Therapy*)
- Fu-Kiau, K. K. B. (2019). *Cosmologia africana dos Bantu-Kongo: Princípios de vida e vivência*. In T. S. N. Santos, *A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: Tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).
- Galante, R. B. F. (2022). “*Essa gunga veio de lá!*” – Sinos e sineiros na África Centro-Occidental e no Brasil centro-africano (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).
- Gomes, N. P. M., & Pereira, E. A. (1988). *Negras raízes mineiras: Os Arturos*. Ministério da Cultura/EDUFJF.
- Irobi, E. (2012). O que eles trouxeram consigo: Carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora. *Projeto História*, (44), 273–293.

Lucas, G. (2014). *Os sons do Rosário: O Congado Mineiro dos Arturos e Jatobá*. Editora UFMG.

Martins, L. M. (2003). Performances da oralitura: Corpo, lugar da memória. *Letras*, (26), 63–81. <https://doi.org/10.5902/2176148511881>

Martins, L. M. (2021a). *Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela*. Cobogó.

Martins, L. M. (2021b). *Afrografias da memória: O reinado do Rosário do Jatobá*. Maza Edições.

Oliveira, E. D. de. (2005). *Filosofia e ancestralidade: Corpo e mito na filosofia da educação brasileira* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará).

Oliveira, E. D. de. (n.d.). *Epistemologia da ancestralidade*. https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf (Acesso em 13 de maio de 2024)

Santos, A. M. dos. (2019). *O Grande Anganga Muquixe Chico Rei: A presença do mito negro no Reinado do Alto da Cruz e nas escolas de Ouro Preto/MG* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Ouro Preto).

Santos, A. M. dos, & Saura, S. C. (2024). Proibições, censuras e impedimentos a culturas de matriz africana: Uma breve discussão. *FDC*, 10.

Santos, T. S. N. (2019). *A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: Tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).

Saura, S. C., & Zimmermann, A. C. (2018). Gaston Bachelard: Contribuições para o estudo do corpo e do movimento. In A. C. O. Cardona et al. (Orgs.), *Red de Educación Contemporánea en Latinoamérica: Tendencias latinoamericanas en investigación* (Vol. II). Universidade La Gran Colombia.

Slenes, R. W. (1991–1992). “Malungo, Ngoma vem!”: África coberta e descoberta no Brasil. *Revista USP*, (12), 48–67. Também publicado em *Cadernos do Museu da Escravatura*, (1), Luanda, 1995. https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/1_-_slenes_malungu2001_pag_normal_-_19.04.18_0.pdf (Acesso em 1 de maio de 2024)